

CIRO LINHARES DE AZEVÊDO

Memorial

Novembro/2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

Ciro Linhares de Azevêdo

Memorial apresentado à
disciplina **Prática de Ensino de
Historia na Escola de 1° e 2°
Graus** do Curso de História da
Universidade Federal de
Campina Grande. Docente
responsável: Erônides Câmara

Novembro/2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

Nasci em 03 de agosto de 1987, em Campina Grande no estado da Paraíba, onde também moro até o presente momento. Sou o caçula de três filhos, nossa mãe se chama Maria Lúcia Linhares de Azevêdo e nosso pai João Luzeni Azevêdo de Farias, tanto em mim quanto em meus irmãos nossos pais estão presentes em cada gesto. Meu pai nasceu no município de Picuí, também na Paraíba, sendo o segundo filho de quatro, na juventude ensinou matemática na escola agrícola da cidade onde nasceu, trabalhou na EMATER até exercer a profissão de bancário cargo do qual se aposentou neste ano de 2011. Minha mãe nasceu em Pombal – PB, porém viveu na *Malhada da Pedra*, um sítio localizado perto da cidade Paulista – PB, sertão do estado, ela é a filha mais velha de seis, atualmente é formada em serviço social e exerce a função de professora em uma faculdade privada localizada na cidade de Cajazeiras no sertão da Paraíba. A união de seus temperamentos, dramas internos, base moral, vivências, momentos de paciência típica da maturidade que é efeito do tempo e expectativas intensas típicas do desequilíbrio que também é efeito do tempo, todas formaram com marcante aleatoriedade parte do espírito e sentido de vida buscado por mim.

A idéia de tentar reconstituir uma trajetória de vida até alcançar o momento presente de fim do primeiro ciclo acadêmico, a graduação, traz em mente questionamento sobre a idéia de trajetória, nosso percurso em vida é tão fragmento e subjetivo que a idéia de trajetória com sua linearidade não corresponde, torna-se extremamente excludente e incapaz de captar os diversos fragmentos da nossa formação quanto sujeito. Talvez o fato de estar recuperando uma memória, o que caracteriza a construção de uma história extremamente presa aos conceitos e dramas vividos por mim no presente, para dar um sentido, dentro da idéia de trajetória, em minha vida.

Meus irmãos se chamam Thales Linhares de Azevêdo e Diego Linhares de Azevêdo, este nasceu no ano de 1983, é formado em Engenharia Elétrica pela UFCG e hoje mora na cidade de Belém, no estado do Pará. O primeiro nasceu em 1985 e é formado no curso de Direito pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba, advoga e estuda para concursos públicos no judiciário. Como objetivo desse memorial é acadêmico, me limitarei a dar essa descrição dos meus irmãos, que foram e são pedaços complementares, idênticos e

antagônicos durante minha existência. Nós viemos morar em Campina Grande em 2 de Novembro de 1989, eu e meus irmãos estudamos em escolas particulares, fomos todos “bons” alunos dentro de uma perspectiva avaliativa a partir de nota, nunca estivemos em primeiro ou em último da classe. Financeiramente tivemos uma típica vida de classe média onde os pais abrem mão de prazeres individuais para sustentar a formação intelectual dos filhos, acreditando na garantia de uma estabilidade financeiro futura para eles. No nosso caso, a presença dos nossos pais foi constante no nosso cotidiano, principalmente da minha mãe que durante muito tempo foi “dona de casa” até decidir voltar a estudar e se tornar assistente social, dotada de humanismo, do qual seus filhos são vítimas incuráveis. Meu pai, devido ao esforço sobre humano ao trabalho, para manter nossa família pagou o preço da sua ausência física em horas diárias em um cotidiano marcado pela crueza de excesso de trabalho e realismo, mas ainda assim presente em espírito e em seus valores perpassados nos poucos momentos da sua presença física, representando a objetividade e desejo de racionalismo diante da fragmentação e subjetividade que é a existência. Meus pais e suas presenças, contraditoriamente, foram fundamentais para enfrentarmos com autonomia, o confronto da necessidade de uma racionalidade pedida pelo convívio social e a subjetividade pedida por nossas angústias mais íntimas.

A decisão de prestar vestibular para o curso de História, na UFCG – Universidade Federal de Campina Grande, foi tomada durante o último ano do segundo grau por influência de professores extremamente inspiradores e comprometidos com o romantismo da crença da capacidade da relação educação/história de construir atores sociais protagonistas, talvez coadjuvantes mais críticos e autônomos. Inspirado por esses românticos, vi na possibilidade de cursar História uma forma de saciar a passionalidade que regia minhas decisões durante os meus dezesseis anos de vida. Mesmo com o despertar desse desejo, dividi com a dúvida de ver-me diante da relativa facilidade de ter bom desempenho nas disciplinas da área de exatas durante a vida escolar achando que talvez devesse buscar algo dentro desse viés no terceiro grau. Outra dúvida pairava para que tomasse minha decisão, minha infância e adolescência é marcada, fortemente pelas minhas lembranças, a presença do

esporte, nesse ano de 2011 faz mais de treze anos que pratico basquete, que tornou-se durante esse tempo paixão, saúde, rotina e descoberta de diversas pessoas e belíssimas possibilidades de interação. Tornei-me muito bom atleta para minha idade e contexto, joguei diversos campeonatos de categorias de base e me acostumei a versar o estudo com treinos e jogos dentro e fora de Campina Grande. No ano 2000 joguei meu primeiro campeonato paraibano de basquete, categoria infantil, achei o máximo já que era mais novo do que a idade da categoria e fomos vice-campeões, no ano seguinte fomos campeões e mais a frente viriam alguns títulos e vice-campeonatos, não com a mesma empolgação até hoje divido o tempo do trabalho, do estudo, da diversão com o basquete. Conheci, ou voltei, e vivi histórias em algumas cidades indo jogar basquete, fui jogar alguns campeonatos em Maceió, Brasília, Recife (oportunidade de jogar alguns jogos do campeonato pernambucano e o JUBs – Jogos Universitários Brasileiros), Natal (onde joguei meu primeiro campeonato brasileiro de seleções estaduais – categoria infantil), Salvador (onde joguei o meu último campeonato brasileiro de seleções estaduais – categoria juvenil), Arco-verde, Caruaru, Fortaleza, ganhei alguns e perdi outros, mas foram experiências decisivas para construção de fragmentos que me formam.

Pelo que representou e representa o basquete em parte das minhas experiências, o desejo de estudar História foi dividido pela vontade de cursar Educação Física, porém jamais prestei concurso vestibular para tal habilitação. Resolvi, talvez por sutil pressão social, tentar o curso de Direito na UEPB e História na UFCG, apesar de esperada aprovação nos dois cursos, diante do histórico de bom desempenho escolar, fui aprovado apenas para cursar História, o qual é minha única habilitação de terceiro grau que busquei depois do ano de 2004 que fui vestibulando.

Estou prestes a concluir um ciclo que versou da empolgação a desilusão, da perspectiva a entrada precoce no mercado de trabalho, da admiração a indiferença, mas no final o saldo é positivo e a ausência de qualquer tipo de arrependimento é certa. O início da minha história dentro do terceiro grau foi marcado pelo primeiro embate entre o ciclo que se iniciava e antigas paixões, para jogar o campeonato brasileiro de seleções de base em 2005 escolhi a reprovação na disciplina de pré-história, apesar de reconhecer

minha decisão, divido com a falta de compreensão do professor, que ao ser consultado, tentou, de forma no mínimo sarcástica, fazer-me entender que só três motivos despertariam alguma vontade de ajudar, seriam eles: minha improvável gravidez (a medicina ainda não evoluiu o suficiente), alguma doença contagiosa (fora de cogitação, a disciplina não merecia tanto), ou servir ao exército (improvável, as forças armadas brasileiras estão se livrando de novos oficiais). Esse episódio marcou o início da minha vida acadêmica, pois começa a surgir a percepção da não existência do romantismo dos professores do 3º ano do Ensino Médio, deveria então crescer por conta própria ou buscar ceder a sutil pressão social e ter feito o curso de Direito. Outro episódio, bastante desanimador, era repetido semanalmente por um dos professores que agarrava a sua bolsa durante toda aula mostrando visível falta de empolgação, vontade de ir embora, além da sua prática de ensino ter ausência total de algum tipo de didática, de planejamento de curso, porém sua aula era bastante dialogada, pena que apenas por duas pessoas: ele, e ele mesmo. Mesmo assim, ele é grande pensador e teórico de histórico, porém jamais professor, para meu primeiro período era minha grande decepção. Para completar essa primeira impressão, a professora de Metodologia Científica, todas as semanas, incentivava-me a mudar de curso e abandonar História por ser para “frustrados, estúpidos e loucos” como ela mesmo afirmava, fora esse incentivo às avessas ela protagonizava os momentos mais interessantes do meu primeiro período na universidade.

O início da minha vida acadêmica não foi apenas desilusões, foi marcada pela doçura de uma amizade que vinha, na época, onze anos da mais apaixonante convivência regada apenas pelo sentimento de fraternidade e admiração mútua. Priscila, querida amiga que conviveu desde os primeiros anos da vida escolar até a escolha do mesmo curso universitário, porém ela optou naquele momento por cursar tanto História quanto Educação Física, depois do terceiro período (não me recordo exatamente) ficou com o segundo, mas sua presença foi fundamental para manter aliviada a primeiras impressões. Conviver diariamente, voltar para casa a pé e pedindo carona, além de conversar todos os dias as mesmas e diferentes besteiras, era o mais gratificante do começo da minha vida acadêmica. Nada mais gratificante do

que a presença diária de alguém bastante franco, de gosto musical refinado, diversos talentos, variando em momentos de inteligência segura e casos e besteiras jogadas boca a fora para ver se o tempo passava. A marca mais bonita da juventude, talvez a minha, é a presença interessante de novos amigos, mas principalmente da tranquilidade e despreensão daqueles presentes a muitos anos, de que em quase todas as lembranças eles marcam presença. Nada mais marcante e tocante do que a despreensão da presença de amigos em lembranças que espelham o passado cheio de fragmentos bastante humanizados, romantizados, jovens e passionais. Interações que traçaram para sempre caminhos a serem seguidos.

Paralelo a minha vida acadêmica, na ausência dos meus pais que trabalhavam em cidades vizinhas e passavam a semana fora de casa, vivi um momento de grande coesão no meu ciclo de amizade, diariamente passei dia e noite com amigos queridos, dentre estava a pessoa que hoje divide meu cotidiano, soma meu amor, meus planos futuros e a responsabilidade pela geração da luz que representa a minha filha na vida de muitas pessoas queridas. Voltando para universidade, conheci nesse momento inicial do curso, um das pessoas mais queridas, presente nos meus dias e, cada vez menores, mas não menos, agradáveis, momentos de bar, relação de fraternidade e também concluinte do curso de História da UFCG, Ricardo.

Ainda no primeiro período, jogando os jogos internos da UFCG pelo curso de história, torci o joelho e rompi alguns ligamentos parei na sala de cirurgia, ainda passei oito meses daquele ano fazendo fisioterapia para voltar a fazer algum exercício físico, depois ainda machuquei o outro joelho algumas vezes. Durante minha vida acadêmica perdi parte da disposição e saúde para o esporte.

Ora, não há como dissociar outros aspectos da minha vida, para entender a não tão intensa vida acadêmica nos primeiros anos, não que não gostasse de estar na universidade, adorava estar na universidade, mas adorava mais ainda estar fora dela. O tempo reservou algo que revigorasse minha fé, algo que aumentasse a intensidade das minhas práticas acadêmicas, esse momento chegou em 2008 quando por vontade da minha mãe, além da

crença de ter autonomia financeira, entrei no mercado de trabalho, comecei a trabalhar dentro da educação. Conseguimos na escola que eu estudava, Colégio Motiva – Campina Grande, a função de auxiliar de coordenação do cursinho pré-vestibular. Reencontrei professores queridos, inclusive aqueles que fizeram parte da minha formação e motivaram minha escolha por História. Reencontrá-los foi revigorante, apesar de que no momento que comecei a trabalhar o calendário da universidade estava atrasado devido a algumas greves e o início de 2008 era o fim do período 2007.2, dessa forma, por choque de horário acabei perdendo diversas disciplinas. Acabei no segundo semestre daquele ano dividindo a função de auxiliar de coordenação com a de professor do *Projeto Video-Conhecimento*, projeto onde alunos do ensino médio e pré-vestibular assistiam a um filme semanalmente, naquela época o vestibular da UFCG indicava filmes no conteúdo programático da prova, um professor era responsável pela contextualização, até então era o professor de história Ályson Campina que teve que deixar o projeto e acabei sendo convidado para ministrar as aulas. Grande espanto, jamais tinha ministrado aula, nem seminário conseguia apresentar bem, sempre tive timidez para falar para várias pessoas, mesmo assim mostrei confiança com o pedido feito pelo professor Stéllio Mendes, responsável pela direção da escola, tentei até afirmar que já tinha alguma experiência, grande falácia.

Preparei-me duas semanas para analisar o filme *Narradores de Javé*, dirigido por Eliane Caffé (excelente filme), em apenas vinte minutos. Duas semanas de muita ansiedade, marcada por frios na barriga, estudo, treino, diarréias e vômitos por nervosismo. O pior ainda estava por vir, trabalhei de manhã e o começo da tarde como auxiliar de coordenação, durante a tarde chegou a hora, me dirigi ao anfiteatro vinte minutos antes da aula onde copiei algumas coisas no quadro, com muita ânsia de vômito devido a ansiedade, testei o filme, os alunos começaram a entrar, olhavam desconfiados, o anfiteatro encheu, ou seja, cerca de cem ou mais alunos na minha primeira aula, sabia que os primeiros minutos seriam cruciais para prender a atenção ou iniciar os cochichos, os rostos de negação, e os alunos começaram a sair da sala. Bastante tenso comecei a falar, muito esforço para não gaguejar, tentando passar muita empolgação, com ajuda dos alunos que foram

compreensivos e acabaram partilhando da minha primeira experiência, a aula, dentro das possibilidades, prendeu a atenção dos alunos. Enfim, deu certo. Semanas se passaram e minha prática em sala de aula foi melhorando, a tensão diminuindo e falar para várias pessoas tornou-se, de certa forma, vício.

No final do ano de 2008, a escola me contratou apenas para função de professor para 8º e 9º anos do ensino fundamental, além de continuar sendo responsável pelo projeto *vídeo-conhecimento* para o pré-vestibular. O ano de 2009 alternou entre a intensidade vivida na vida pessoal e, não menos intensa, vida profissional, porém esta bastante conflituosa, além de alternada entre o prazer de estar em sala de aula e a dificuldade de relação com os responsáveis pela parte burocrática da educação. Para ser professor é necessário conviver com diários de classe, elaboração e correção de provas, reuniões todos os meses, planejamento, conselho de classe, além de ser cobrado pelo desnecessário como roupas, perfume, cuidado com a vida pública, um preço bem alto a ser pago pelo professor, que abre espaço para dúvida em relação a compensação financeira. A universidade nesse ano representou uma terceira preocupação, não teve a mesma intensidade.

O ano de 2009, em apenas oito meses, com diversas noites escutando Maria Bethânia, Benito De Paula, Los Hermanos, Caetano Veloso, Noite Ilustrada, entre outros cantados na roda de amigos. Acabei me apaixonando por – até então – uma grande amiga, namorando, casando e fazendo minha primeira filha em pleno feriado de 7 de setembro, filha que foi, bem razão de voltar pouco mais das minhas atenções a intensificação qualitativa da minha vida acadêmica, ao mesmo tempo que por diversas vezes prefiro adormecer com ela cedo da noite e deixar para estudar no dia seguinte.

Por falhar em alguns momentos burocráticos, além de ganhar alguns desafetos, perdi meu primeiro emprego um mês após meu casamento, não estava nos planos. A partir desse momento passei por diversas aulas, testes de emprego, apesar dos poucos desafetos foram conquistados muitos e especiais amigos professores que socorreram e consegui continuar em sala de aula em outras escolas, algumas poucas aulas que se transformaram em, mais uma vez, alternar nesse ano de 2011, entre a coordenação do cursinho pré-

vestibular e a sala de aula do Colégio Alfredo Dantas onde fui muito bem recebido, além de ser professor em outras escolas. A necessidade de conquistar alguma autonomia financeira me fez alcançar, dentro de uma auto-avaliação, um patamar de bom profissional em constante aprendizado.

A partir de 2010 obtive considerável amadurecimento intelectual, diante da necessidade de estudar para conquistar território no mercado de trabalho, conquistei confiança e relativa autonomia intelectual para buscar dar mais intensidade a vida acadêmica da qual estou prestes a encerrar. Durante as noites de domingo com amigos e minha namorada/esposa, em Campina Grande, sempre freqüentamos o espetinho em frente a casa de uma senhora conhecida como Maria de Kalú, ou íamos beber no bar da rua paralela que recebia o nome dela e é restrito para público GLBTs¹, mas aberto a amigos dos freqüentadores. Experiência semanal que despertou meu interesse para conhecer melhor Maria de Kalú, que representa um ícone para o público gay em Campina Grande, figura extremamente simpática e interessante, conhecida como responsável pela abertura do primeiro bar GLBTs da cidade além de defender publicamente sua homossexualidade, autodenominando-se militante da comunidade gay campinense.

Diversas histórias sobre sua vida me chamaram atenção, como o fato de ter sido casada quarenta e cinco dias com um homem, ter um filho biológico, casada com diversas mulheres, além de causos bastante interessantes. Esse ambiente da vida noturna aos domingos está diretamente ligada a motivação para minha vida acadêmica, interesse por trabalhar com história oral e memória, talvez biografia, ou representações sociais, gênero, ou...ou...diversos interesses surgiram na curiosidade de junto a Maria de Kalú estudar a construção do cotidiano do público GLBTs freqüentador do seu bar que abriu em 1985 e fechou, a pedido do filho (também gay), em 1996. Como e quais representações de sexualidade e noções de gênero foram construídas a partir do espaço de interação do bar. Bem, o prazer de estar sendo professor, somado a empolgação de estudar algo que considero interessante e divertido leva-me a prosseguir, intensificar e desenvolver minha vida acadêmica.

¹ Sigla refere-se a Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros.

Algumas lembranças mais marcantes, processo de seleção realizado pela minha memória e meus dramas pessoais sobre o recorte temporal da minha vida acadêmica como graduado, momento indissociável dos outros fragmentos da vida marcadamente pessoais. A possibilidade da reconstrução de uma trajetória de vida, de um percurso com início, meio e fim esbarra na subjetividade da lembrança, das práticas sociais cotidianas, da divergência de interpretações interna aos sujeitos, da minha recusa a limitar-me ao único aspecto de vida, mas a certeza de que existiu vida por onde passei até então.

*A vida só é possível reinventada.
Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! Tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.*

*Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível reinventada.*

*Vem a lua, vem, retira as
algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.*

*Não te encontro, não te alcanço...
Só — no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só — na treva,
fico: recebida e dada.*

*Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível reinventada.*

Cecília Meireles in Flor de poemas